Gilberto G. Theiss[1]
Pablo Rotman[2]
Vania Hirle Almeida[3]

Danças e Tambores no Salmo 150: um Estudo Baseado na Cronologia e Autoria do Período Pré e Pós Santuário de Salomão[4]

RESUMO

A finalidade deste estudo consiste em um primeiro momento, analisar as formas de adoração cúltica no antigo Israel nos períodos posteriores a saída do Egito quando Moisés, suscitado por Deus os libertou de seu cativeiro de quatrocentos anos. Descrever como alguns costumes Egípcios, no tocante à adoração, permaneceram enraizados no meio de Israel por longos tempos até o momento da intervenção de Deus descrita em 2 Crônicas 29:25-26, delineando a maneira como deveria ser estruturada a adoração após a inauguração do templo no período de Salomão. Com base nos costumes musicais e das celebrações religiosas do povo pré-Santuário de Salomão, contrastar com os costumes que passaram a se desenvolver em sua forma de adorar após especificamente a inauguração da nova expressão musical para o santuário. Com tais contrastes, o propósito é demonstrar que houve um progressivo abandono dos costumes egípcios com o objetivo de adotar as novas determinações dadas por Deus concedidas para a inauguração do templo. Com este passeio instrutivo no tempo, perceberemos que o Santuário havia se tornado, sem dúvida, o ponto central e fundamental para entendermos tal problemática. Portanto, através deste realce, entre estes dois períodos, pré e pós Santuário de Salomão, conseguiremos identificar com mais precisão o provável período em que o Salmo 150 fora escrito.

Palavras-chave: Salmo 150. Tambores. Bateria. Dança. Adoração. Culto. Liturgia. Música.

ABSTRACT

The purpose of this study is in a first moment, analyze the forms of cultic worship in ancient Israel in periods after leaving Egypt, when Moses raised up by God, delivered them from their slavery of four hundred years. To describe how some Egyptian customs with regard to worship, remained rooted in Israel for a long time until the time of God's intervention described in 2 Chronicles 29:25-26, outlining how it should be structured worship, after the temple inauguration in Solomon's period. Based on the musical customs and religious celebrations of pre-Shrine of Solomon people, contrasting with the customs which began to develop in the way they worship specifically after the inauguration of the new musical expression to the sanctuary. With such contrasts, the purpose is demonstrate that there was a gradual abandonment of the Egyptian customs in order to adopt the new rules given by God granted to the temple inauguration . With this instructive tour in time, we realize that the shrine had become undoubtedly the central point and essential to the understanding of this issue. Therefore, through this point, between these two periods, before and after the Shrine of Solomon, we can identify more accurately the likely period in which the Psalm 150 was written.

Keywords: Psalm 150. Drums. Battery. Dance. Worship. Worship. Liturgy. Music.

[1] Bacharelando em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT/IAENE).
[2] Doutor em Teologia Protestante pela Universidade de Estrasburgo, França - Orientador específico.
[3] Doutora em Educação e Sociedade pela Universidade de Barcelona - Orientadora metodológica.
[4] Artigo apresentado ao Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia como requisito obrigatório parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

INTRODUÇÃO

Em diversas discussões acerca da música cristã utilizada para a adoração a Deus, notadamente aquelas que tratam do uso ou não de instrumentos de percussão no culto, surge a questão acerca do Salmo 150, o qual, aparentemente, não apenas admite, mas ordena a utilização deste instrumento e das danças no louvor ao Senhor em Seu Santuário.

Comumente, este salmo tem sido utilizado como evidência para inserir, dentro do contexto da adoração contemporânea, as danças e os tambores (que em nossos dias se apresentam na forma de grupos de dança coreográfica e diversos instrumentos de percussão, inclusive a bateria, típica dos conjuntos de rock). Em demanda desta discussão é que se torna justificável uma avaliação mais criteriosa da estrutura e conteúdo supostamente dogmático do Salmo em questão contrastando-o com os períodos bíblicos e seus costumes subjacentes. Desta forma, além de resolver a questão em pauta, poderemos desferir os valores de implicação para os dias atuais absorvendo princípios que sejam relevantes para uma adoração efetiva que seja conivente com a verdade de um Deus sublime, grandioso, puro e santo. Tendo em mente que a experiência relatada pela Escritura a respeito da oferta de Caim (Gn 4:3-5) possui uma intensidade plausível e razoável do significado da adoração como uma resposta humana aos moldes da vontade soberana de Deus, devemos então traçar uma linha divisória entre gostos e vontades pessoais com a vontade divina. Assim como o dízimo, a adoração deve seguir parâmetros de devoção que estejam além dos desejos humanos e seguir fielmente os conselhos expressos na Escritura mesmo que sejam revelados de forma latente.

Ao longo deste artigo, será importante entender que a teologia nos apresenta que muitas verdades ensinadas pela Palavra de Deus podem ser expostas referencialmente ou inferencialmente, mas o fato de serem apresentadas de forma inferente, não significa que estas verdades perdem o seu espaço de valor e de objetividade. As subjetividades também apresentam significados que visam fortalecer princípios em detrimento de costumes pagãos amalgamados às culturas de cada época e lugar. A Bíblia é composta de veracidade como um todo, e tudo nela, expressa verdades e ensinamentos para todos os tempos e culturas. A Escritura e suas mensagens - por mais aborrecíveis que possam parecer a nós, pecadores, os seus ensinamentos - devem estar acima de qualquer conceito, cultura, pessoa, filosofia e ciência. Falando sobre este aspecto, bem ilustrou Colson ao afirmar que

> a guerra cultural não é só sobre aborto, direitos dos homossexuais, ou o declínio da educação pública. Esses são apenas os conflitos. A verdadeira guerra é uma luta cósmica entre a cosmovisão cristã e as várias cosmovisões seculares e espirituais que estão em ordem de combate contra ela (2000, p. 36).

E neste ínterim, nada está mais discretamente envolvido do que o conceito de adoração. Nesta luta, todos nós estamos envolvidos e na medida em que o ceticismo, naturalismo, relativismo, multiculturalismo, pragmatismo e o sincretismo, em suas variadas cores, vão crescendo e se espalhando, mais significativamente de nós será exigida uma fé incondicional na Palavra de Deus e em suas verdades. Bem expressou Billy Graham ao ser questionado a respeito de Jonas ter sido engolido por uma baleia. Sua resposta foi contundente ao dizer que: "Ainda continuaria crendo na

Bíblia se ela ensinasse que Jonas é que havia engolido uma baleia." O motivo deste adendo tem como foco principal, fortalecer nossa determinação em, não apenas exercitar a prática da pesquisa, mas também crer integralmente e sem restrições nas gemas de verdades encontradas nestas escavações, sejam elas objetivas ou subjetivas, referentes ou inferentes, fazendo bem ou fazendo mal – devemos aceita-las incondicionalmente. Portanto, o tema, por si, se justifica quando levamos em consideração a onda de liberalismo cultual existente em nossos dias em favor do la volunté humano em detrimento da vontade de Deus expressa em Sua palavra.

CONTEXTO LITÚRGICO DE ISRAEL NO PERÍODO PÓS EGITO

Um dos argumentos utilizados para contrapor a ideia de utilizar salmo 150 como base para inserir danças e tambores no culto de hoje é, entre outros, o fato de que este salmo não está tratando da adoração no templo e que, além disso, provavelmente, tenha sido escrito em um momento histórico da vida de Israel onde não havia ainda uma clara instrução divina acerca da forma apropriada para a adoração litúrgica. Este amadurecimento cúltico ocorreria primeiramente no transporte da arca para Jerusalém (DORNELES, 2006, p. 192,) e depois, de forma plena, quando foram feitos os preparativos para o serviço levítico do templo a ser construído por Salomão (DORNELES, 2006, p. 193-194). Se for possível evidenciar a escrita deste salmo para um período anterior de Salomão resolveremos grande parte da problemática mantendo o conceito de luz progressiva inclusive no tocante à música e os demais princípios interligados.

Surge então a dúvida: seria possível demonstrar que o Salmo 150 foi escrito antes do Templo de Salomão?

Esta indagação é muito pertinente. A princípio, é impossível datar precisamente o Salmo 150; no entanto é possível ter uma noção do intervalo de tempo de seu surgimento. De maneira criteriosa, analisaremos quatro fatores fundamentais que nos ajudarão ter uma visão mais ampla e correspondente ao seu contexto:

O Povo de Israel, Nação eleita de Deus, viveu momentos difíceis no Egito! Mais de quatrocentos anos se passaram após a sua chegada até esta terra de estrangeiros.

Várias gerações haviam se passado e os líderes do Egito, chegaram à conclusão de que os israelitas cresciam rapidamente. Por ser uma terra muito cobiçada por nações vizinhas, a possibilidade de uma futura união dos israelitas com nações inimigas não era descartada. É neste contexto que a nação eleita por Deus perde a liberdade e passa a viver sob o jugo egípcio. Como veremos adiante, a opressão estabelece um cerco a Israel nos aspectos sociais, éticos e religiosos fazendo-os, com o tempo, perder parte dos princípios e valores que os identificava como remanescente de Deus para aquele tempo.

No Egito Antigo, os reis recebiam um título denominado - Faraó. Este título lhe dava poder absoluto e o constituía como deus no Egito. Sendo assim, ele passava a ser o sumo sacerdote de toda religião e seita egípcia (BÍBLIA DE ESTUDO INDUTIVO VIDA NOVA, 1997, p. 86). Quando

Moisés se apresentou a Faraó pedindo que deixasse os israelitas sacrificarem e adorarem ao Senhor no deserto, de imediato Faraó lhe respondeu: "Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel (Êx 5:2)". Naquele tempo existia uma crença comum entre as pessoas que, quando uma nação perdia uma guerra ou era aprisionada, isso se dava em consequência de possuir um deus inferior (COMENTARIO BIBLICO ADVENTISTA DEL SEPTIMO DIA, p. 1:531-532). Isto, possivelmente, contribuiu para que o coração de Faraó se endurecesse.

Após a dureza do coração de Faraó (Êx 5:2-11), Deus permitiu que sobreviessem ao Egito as dez pragas descritas pela Bíblia (Êx 7:14-25, 8, 9, 10, 11, 12 e 13). As pragas foram, além dos objetivos para libertar Israel, a maneira em que Deus se utilizou para vindicar seu povo diante dos deuses pagãos e do próprio Faraó que se considerava um deus. No entanto, ao mesmo tempo e de maneira mais específica, as pragas atingiram o centro da adoração egípcia afetando diretamente os deuses pagãos daquela nação. Pela primeira vez no Egito, observamos Deus intervindo sobrenaturalmente por seu povo e ao mesmo tempo adversando a falsa adoração a que Israel fora submetido por centenas de anos. Percebe-se aqui, como nas descrições do conflito final, um conflito entre a verdadeira e a falsa adoração em que o povo de Deus e o mundo da época (Egito) estavam envolvidos. Uma contrafação sem precedentes que influenciou, desvirtuou e deteriorou a verdadeira adoração Israelita. Contrafação esta que, em pleno século XXI, não estamos em nenhuma conjetura menos vulneráveis.

Naquele tempo, muitos animais, inclusive insetos eram considerados sagrados pelos egípcios ao ponto de considerarem um absurdo e blasfêmia o tipo de adoração dos israelitas (Êx 8:25-26). O serviço religioso realizado pelo povo de Deus, como o sacrifício de animais com objetivos de adoração e remissão diante de Yahweh, quando o costume entre os egípcios era adorar imagens de esculturas, seria um escrupuloso insulto aos seus deuses (COMENTARIO BIBLICO ADVENTISTA DEL SEPTIMO DIA, p. 1:535). Realizar cultos sacrificando animais sagrados ou matando-os acidentalmente era considerado um grande e sério crime (WHITE, 1995, p. 157). Deus, dentro deste contexto específico, desmascarou toda a adoração egípcia contrariando, através das dez pragas, o coração dessa falsa religião (CHAMPLIN, 2011, p. 1:332). Observe:

1º Praga no Nilo tornou-se em sangue (Êx 7:15-18) – Representava a divindade "**HAPI"** ou "**ISIS**", deusa do Nilo.

2ª Praga das rãs (Êx 8:2-6) – Representava a divindade **HEQUET**, deusa do nascimento que possuía a cabeça de rã.

3ª Praga dos piolhos – Representava a divindade "**SET"** OU "**SEBE**", deus do deserto.

4ª Praga das moscas (Êx 8:20-23) – Representava a divindade "**UATCHIT"**, ou "**ESCAR**", simbolizado pela mosca.

5ª Praga da morte do gado (Êx 9:1-5) – Representava a divindade "**HACTOR"**, deusa de cabeça de vaca; "**ÁPIS"**, deus-boi.

6ª Praga das úlceras – Representava a divindade "**SEKHMET"**, deusa das doenças; "**SUNU"**,

deus da peste.

7ª Praga das saraivas (Êx 9:18-35) – Representava a divindade "**NUT",** deus-céu.

8ª Praga dos gafanhotos (Êx 10:3-13) – Representava a divindade "**SERÁPIA"**, deus da agricultura.

9ª Praga das trevas – representava a divindade "**RÁ"**, deus-sol; "**NUT"**, deus-céu.

10ª Praga da morte dos primogênitos (Êx 11:4-8) – Representava a divindade "**MIN"**, deus da reprodução; "**HEQUET"**, deusa do nascimento; "**TAURT"**, protetora das crianças.[5]

Como visto até o momento, não se faz necessário uma pesquisa exaustiva para compreender o nível de paganismo politeísta religioso que predominou no Egito. O povo de Israel, por mais de quatrocentos anos recebera uma forte influência desta religião pagã e de seus deuses. Atente para o fato que, seus costumes, comportamentos imorais, valores e cultos influenciaram sobremaneira o povo de Israel, levando muitos a um estreito sincretismo religioso ou à uma apostasia sem precedentes. Até mesmo aquele que viera para ser o libertador do povo fora influenciado por esta poderosa e influente cultura. Ellen White descreve que "Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender", e acrescenta em sua lista o "misticismo de uma religião falsa" (WHITE, 1995, p. 248). White ainda acrescenta que "tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e caráter. O tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus podiam remover estas impressões" (WHITE, 1995, p. 248). O misticismo religioso, assim como ainda hoje, era sem dúvida alguma uma das marcas do culto religioso pagão da época com o fundamental uso de tambores e danças extravagantes.

Somente o tempo, longos quarenta anos no deserto com Deus, poderia remover de Moisés a cultura e os costumes egípcios em todos os seus moldes. Nesta circunstância, a pergunta que surge é: Até que ponto o povo de Israel poderia também ter sido influenciado e moldado pelos costumes religiosos e místicos do Egito? A revelação responde, observe:

1. Perderam o conhecimento da lei de Deus (WHITE, 1995, p. 258);

2. Afastaram-se dos preceitos divinos (WHITE, 1995, p. 248);

3. O mandamento sabático fora abandonado (WHITE, 1995, p. 248);

4. A nova geração, os filhos se curvaram diante dos deuses egípcios (WHITE, 1995, p. 259);

5. Alguns tinham pleno conhecimento e noção de que estavam passando por um sincretismo religioso (WHITE, 1995, p. 259);

6. Muitos anciãos de Israel se esforçavam em impedir que a fé de muitos viessem a sucumbir-se (WHITE, 1995, p. 259);

7. Muitos, com o tempo, passaram a ter os mesmos costumes que os egípcios tinham (WHITE, 1995, p. 260);

[5] É importante ressaltar que, não há consenso quanto a exatidão de alguns desses nomes.

8. A tarefa de Moisés teria sido menos penosa se o povo não tivesse se tornado tão corrompido (WHITE, 1995, p. 260);

9. Esqueceram-se de Deus passando a ter pouco conhecimento e fé (WHITE, 1995, p. 282);

10. A mente do povo se tornou cega e aviltada (WHITE, 1995, p. 310);

11. A mente estava tão corrompida que não estavam em condições de apreciar os dez mandamentos (WHITE, 1995, P. 315);

12. No Monte Sinai, muitos desejavam voltar para o Egito (WHITE, 1995, p. 315);

13. Em alguns momentos, quando se esqueciam de Deus, adoravam a Deus fazendo uso de costumes místicos e imorais aprendidos no Egito (WHITE, 1995, p. 316);

Com todo este aviltamento, podemos entender melhor o comportamento do povo pós Egito. Além de toda confusão, idolatria, prostituição e bebedice, estavam presentes os comportamentos de uma religião falsa. Como toda religião mística, o uso de tambores com danças são fundamentais[6], e no caso de Israel, estes estilos e instrumentos foram, provavelmente, trazidos da cultura religiosa egípcia. Percebe-se nas declarações bíblicas e do Espírito de Profecia citados acima que estes costumes estavam inseridos no pacote de traquejos pagãos que faziam parte da moda egípcia e praticados na saída imediata do povo na experiência do mar vermelho, na corrupção total no monte Sinai e em alguns momentos de suas peregrinações no deserto. Ellen White diz que, o povo, no momento em que Moisés demora a retornar do monte Sinai, se corrompe e praticam novamente as "velhas superstições" trazidas do Egito (WHITE, 1995, p. 316). Também acrescenta que "era uma cena de alvoroço gentílico, imitação das festas idólatras do Egito; mas quão diverso do solene e reverente culto de Deus! Moisés ficou consternado" (WHITE, 1995, p. 320). Observe que White não cita detalhadamente o que é, e o que não é "imitação idólatra" ou "velhas superstições". Isto indica que, além de outros fatores correspondentes, tanto as danças quanto o uso de tambores poderiam estar latentes em suas declarações uma vez que, normalmente e na maioria das vezes, onde há danças frívolas, como no ocorrido ao pé do monte, deve naturalmente haver tambores ou algum outro tipo de percussão. Um é braço direito do outro.

Interessante que, até nos dias atuais, na África, inclusive o Egito com suas religiões místicas, os elementos litúrgicos mais significativos para a realização do mesmo, continuam sendo o uso de tambores e as danças com músicas rítmicas (DONELES, 2008, p. 15-24). Os tambores eram e ainda continuam sendo componentes fundamentais e indispensáveis para alcançar o êxtase religioso nas religiões pagãs africanas inclusive no Egito[7] (DONELES, 2008, p. 25). Assim como naquele tempo, ainda hoje este tipo de instrumento é considerado pelos místicos um elo fundamental para conseguir

[6] Ver a "A dança dos orixás" de Francisco sparta; "Os cultos mágicos-religiosos" de Abguar Bastos"; "História das crenças e das religiões" de Mircea Eliade e "Music and Trance: A Theory of the Relations Between Music and Possession" de Gilberto Rouget.
[7] *Ibidem*

manter contato e ter uma experiência mais significativa com os espíritos. Bastos (1979), afirma que "o tambor e a dança do culto proporcionam uma espécie de confraternização com a divindade, tornando os deuses mais amáveis e coniventes." Mircea Eliade (1998), afirma que "os xamãs preparam seu transe cantando e tocando tambor". Também afirma "na maioria das tradições xamânicas, a dança e o canto com tambor são os meios mais utilizados para se atingir o transe." Sparta (1970), afirma que, "o ritmo violento dos tambores e a repetição intérmina dos cantos, produzem fadiga e amortecimento consequente da consciência, levando os iniciados a um verdadeiro estado de hipnose." Bastos (1979), diz que "o tambor é um instrumento de correspondência, isto é, de comunicação entre o homem e os seres misteriosos que governam a natureza." Rouget (1985), assinala que o "Ritmo é o elemento mais ativo na experiência do transe. O ritmo marcado com a percussão é ainda mais eficaz em desencadear a experiência de possessão." Rouget foi contundente ao afirmar que, "a percussão é o som por excelência do transe. Se há um instrumento capaz de quebrar os nossos nervos, esse é o do tambor. Além disso, esse é o instrumento mais importante do ritmo, e por consequência da dança." Não poderia deixar de citar o metodista Maraschin (1996), que faz esta interessante e surpreendente declaração que, "A beleza da santidade vem no tempo do Espírito Santo. Vem vindo lá dos lados da África. Vem com seus tambores e cores, com seus ritmos e melodias, com seus meneios de quadris... Que distância haverá entre o êxtase dos orgasmos e os êxtases carismáticos que nos fazem falar em línguas e estremecer as entranhas?" Como visto, porque subestimaríamos estes elementos quando os próprios especialistas no assunto reconhecem valores místicos associados ao êxtase espiritual/carnal/emocional associados a diversos fenômenos sobrenaturais e possessão?

Tendo em mente todo este conjunto de degradação moral e sincretismo religioso em que o povo passara podemos entender a razão de eles permanecerem tanto tempo no deserto. Assim como ocorrera com Moisés, era necessário um reavivamento e reforma naquela igreja israelita. Os costumes pagãos que vão além de meros tambores e danças corromperam Israel fazendo-os perder de vista a sublimidade dos preceitos, princípios e grandeza de Deus. A cultura pagã, a imoralidade, idolatria e a religiosidade mística egípcia foram tão eficazes em cauterizar a mente do povo que, ao se depararem com algumas dificuldades no deserto, por varias vezes, se rebelavam e desejavam retornar àquela nação que por tanto tempo os escravizara (WHITE, 2005, p. 260). Percebe-se que este tipo de cultura foi determinante em aproximar ou até mesmo em lançar o povo para o pecado. A maioria das pessoas daquela geração morreu no deserto sepultando com eles muitos de seus costumes absorvidos do paganismo. Destas antigas gerações, acima de 20 anos, somente Josué e Calebe entraram na terra prometida (Nm 32:11,12). Mas, mesmo em tais circunstâncias, o Senhor ponderou seu juízo e demonstrou intensa compaixão e paciência com Seu povo rebelde não os exterminando no deserto. Uma demonstração disto foi a passividade de Jeová diante da estranha intercessão de Moisés pelo Povo (Êx 32:30-34).

Ao longo da história de Israel, embora ainda houvesse resquícios de idolatria e poligamia, percebemos que uma reforma progressiva foi se tornando realidade. Na medida em que o tempo avançava, muitos costumes foram sendo descartados e abandonados. Além das questões morais, é possível perceber uma reforma, também, no âmbito da liturgia de adoração de Israel para com Deus.

E esta transformação ou reavivamento e reforma pode ser visto especialmente, em seu clímax, na preparação da inauguração do santuário de Salomão e de uma nova liturgia dissociada dos costumes pagãos egípcios (DORNELES, 2008, p. 191-195).

O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO CULTURAL E LITÚRGICA NO PERÍODO PRÉ E PÓS SANTUÁRIO DE SALOMÃO

A partir de agora, nos deteremos apenas no tema da adoração, mais especificamente nas danças e instrumentos percussivos utilizados pelo povo e seu processo de transformação.

Temos dois períodos como pontos de partida:

Período A

A liturgia e sua estrutura, praticada pelo povo de Israel quando deixaram o Egito, passando pelo tempo de Davi e antes da preparação do novo templo no período de Salomão. Ainda faziam uso de alguns costumes (Egípcios) como danças e tambores (Êx 15:20,21; 32:5,6,19,22; Jz 11:34; I Sm 18:6).

Período B

Anos mais tarde, a partir do momento em que Israel recebe as instruções de Deus através do profeta Natan de como deveria ser a adoração. Não há mais menção de danças e os tambores ficam fora da lista de instrumentos permitidos no Santuário (I Cr 16:5; 23:1-5; 25:1-7; II Cr 5:12,13; 7:6; 29:25,26; Ed 3:10; Is 38:20; Ne 12:27,36). Estes dois pontos podem ser nitidamente compreendidos através do gráfico. Observe com atenção cada detalhe deste gráfico na página seguinte:

Cronograma demonstrativo elaborado por Gilberto Theiss - Fonte: DORNELES, Vanderlei. Cristãos em Busca do Êxtase; BACCHIOCCHI, Samuele. O Cristão e a Música Rock; WHITE, Ellen G. Patriarcas e Profetas;
PERÍODO A
PERÍODO B
A estrutura do Salmo 150 se encaixa com este intervalo, pois era muito comum o uso de tambores e danças no período pré-santuário de Salomão provavelmente pela influência que Israel recebera das práticas religiosas místicas do Egito (Êx 15:20,21; 32:5,6,19,22; Jz 11:34; 1Sm 18:6).
Davi derrota Golias
Davi se torna Rei
As duas tentativas de Davi em conduzir a arca de Quiriate-Jearim até a casa de Obede-Edom, além de outros problemas, houve música com tambores na primeira (2Sm 6:5; 1Cr 13:8). Tudo deu errado. 3 meses depois, na Segunda tentativa, embora tenha havido música e muita alegria, não houve tambores (1Cr 15:16). Ver Cristãos em Busca do Êxtase, p. 192.
MUDANÇAS PROGRESSIVAS
PRÉ
Deus intervém e além de outras exigências impõe uma lista de instrumentos para serem utilizados na adoração no Santuário. Os tambores ficam de fora da lista de Deus.1Cr 23 e 26; II Cr 29:25 e 26.
Intervenção
A partir do período pós Santuário de Salomão, a adoração se contrasta com a anterior não mais fazendo uso de tambores e danças na liturgia de Israel (1Cr 16:5; 23:1-5; 25:1-7; 2Cr 5:12,13; 7:6; 29:25,26)
SANTUÁRIO DE SALOMÃO
PÓS
Este novo modelo de adoração permanece em outras gerações. I Cr 23:1-5, 25:1-7; ver II Cr 5:12-13; 7:6; 29:25,26.
Não há mais menção de tambores e danças. O modelo dado por Deus e instruído por Davi permanece no templo e nas gerações futuras. Nee 12:27, 36; Is 38:20; Ed 3:10; etc... A Igreja do NT é rica em louvor mas sem tambores e danças. As visões do apocalipse que mencionam a adoração no Céu (Ap 5:8-14; 7-12; 11:16; 14:2; 15:2; 19:4), sem qualquer referência a danças ou ao tambor, parecem confirmar o modelo assemelhado ao do Templo.
A ESTRUTURA DE CONTEÚDO DO SALMO 150 NÃO PERMITE ENCAIXÁ-LO NESTE PERÍODO.
PERÍODO MAIS PROVÁVEL DA ESCRITA DO SALMO 150

CRONOLOGIA DO SALMO 150 E SEU CONTEXTO HISTÓRICO-LITÚRGICO

Desde a saída do povo de Israel do Egito, sua cultura religiosa e seus costumes que refletiam a adoração foram maculados pela religião mística daquela nação. No entanto, como visto no gráfico, Deus tolerou esses costumes, mas usou o tempo em um estágio progressivo, para erradicar de suas vidas os costumes religiosos pagãos do Egito amalgamados com a verdadeira adoração. O sincretismo foi gradativamente desarraigado e o culto oferecido a Deus mais desvinculado dos costumes mundanos. O ponto mais alto desta transformação foi sem dúvida alguma o Santuário de Salomão. Deus interveio e fez algumas exigências para que a verdadeira adoração não fosse enodoada com costumes de entretenimentos ou mundanos da época (BACCHIOCCHI apud THEISS, 2009, p. 36).

Tendo em vista, a progressiva mudança pinçada no gráfico acima e tendo compreendido as diferenças entre o uso de dança e de tambores nos períodos pré e pós Santuário de Salomão, precisamos então inserir o Salmo 150 exatamente em algum período pré Santuário, já que a partir do santuário de Salomão os tambores não entraram na lista de instrumentos que seriam utilizados pelos músicos (II Cr 29:25 e 26; Ed 3:10).

Esta é uma realidade sustentada pelo histórico narrativo dos textos bíblicos e pelas diferenças de louvor e adoração realizadas nos dois períodos que se ligam por um intervalo vasto de tempo. A tentativa de inserir o Salmo 150 num contexto pós Santuário, além de abusiva, é incoerente e não é capaz de sustentar-se por sua própria base de argumentação uma vez que este salmo reflete um comportamento litúrgico inexistente no templo a partir de Salomão. Este insistente esforço parece indicar preconcepção e investida objetiva de bonificar o uso das danças e dos tambores na adoração contemporânea. Essa alternativa, mesmo sem apoio exegético, não passará de uma interpretação reducionista e carente de respaldo dialético e exegético.

Evidência Cronológica

Pelas referências bíblicas, contextualizando e contrastando os costumes, especialmente com o uso de tambores e danças na liturgia à Yahweh, ficou fácil identificar que o devido Salmo não pode ter sido escrito depois do Santuário de Salomão. Podemos inclusive empregar aqui alguns métodos discursivos utilizados na arqueologia para ajudar-nos a fortalecer esta interpretação ou então diluí-la. A arqueologia faz uso de técnicas, busca os restos materiais das civilizações antigas e trata de reconstruir, na medida do possível, o ambiente e as civilizações de uma ou várias épocas históricas. Assim, os especialistas conseguem encaixar melhor as descobertas com um período que lhe é necessariamente cabível.

Da mesma forma, podemos fazer uma avaliação da estrutura do conteúdo do Salmo em questão e compará-lo aos contextos bíblicos que analisamos até o momento.

Por exemplo, no ano de 1920, Bernard Grenfell descobriu o papiro Papyrus P52 no Deserto do Médio Egito que foi encontrado e estudado mais tarde em 1934 por C.H.Roberts na Biblioteca John Rylands de Manchester. O Papyrus P52 conhecido como o fragmento de São João, é um fragmento

escrito em Grego e contém parte do Evangelho segundo João, sendo que na frente contém partes do capítulo 18 e versículos 31-33, e no verso, os versículos 37-38. (KATAPI).

Alguns historiadores afirmam que o papiro com o texto do Evangelho de João (18:31-33,37-38), teria sido escrito entre o período de 100 a 125d.C., Outros argumentam que o estilo da escrita, leva a uma data entre o anos 125 e 160 d.C. (KATAPI). De qualquer forma, o autor deste fragmento por ter sido um discípulo de Jesus, independente da data de sua composição, para todos é inegável que o papiro tenha sido escrito depois de Cristo e não antes. Da mesma forma, por conta da transformação litúrgica da adoração em Israel, da saída do Egito até o período de Salomão, Salmo 150 possui uma estrutura de conteúdo prático de louvor que só é cabível no período pré Santuário de Salomão e não depois. Como louvar o Senhor com danças e tambores quando os textos bíblico pós-santuário de Salomão exprimem a ausência deles? Tanto as referências quanto as inferências confirmam nitidamente tal fato.

A Autoria do Salmo 150 também Confirma o Período Pré?

Embora quase a metade dos salmos, 73 deles nos fragmentos hebraicos massoréticos e 88 na grega septuaginta, sejam atribuídos a Davi (HARRISON; PFERFFER, 1990, p. 360), não há nenhuma forte evidência que defina o autor do salmo 150. No meio acadêmico e teológico dificilmente encontraremos, com absoluta certeza, quem teria sido o autor deste Salmo. Segundo os teólogos renomados, é muito difícil datar salmos individuais ou descobrir como e quando foram reunidos e compilados, ainda que o processo de escrita tenha começado com Davi, se não antes, e continuado nos dias após o exílio. Estudiosos no assunto, com base nos fragmentos encontrados em Qumran, supõem que a coleção inteira que temos hoje talvez tenha sido finalizada pouco antes do 2º século a.C., em torno do período dos macabeus (HARRISON; PFERFFER, 1990, p. 360). Outros, ainda, acreditam que o período principal de composição parece ter abarcado os quatro séculos da dinastia davídica (1000 a.C. a 600 a. C.), e que no exílio deve ter ocorrido a obra de composição e edição (BRUCE, 2009, p. 756). Falando a respeito da autenticidade dos títulos em consonância com o saltério, Motyer foi mais categórico ao afirmar que "ninguém sabe ao certo quão antigo é esse trabalho editorial" e define como "inexplicável", a forma como esses salmos se acumularam durante séculos até se transformar "no Saltério da Bíblia" (CARSON et al., 2009, p. 735). Importante sabermos também que, os salmos seguem uma sequência distribuída de forma que se harmonizem com os 5 livros do pentateuco. De acordo com o Midrash on the Psalms, um antigo comentário judeu, esta divisão em cinco partes foi feita para identificar-se aos cinco primeiros livros de Moisés. Assim deve ter havido um propósito entre os editores das coleções de salmos em fazer um paralelo entre esta quíntupla expressão do povo com a quíntupla convocação divina (HARRISON; PFERFFER, 1990). Isto pode indicar que a ordem imposta por judaizantes pode não estar seguindo a devida ordem de escrita, o que, com certeza, causaria maior indefinição na datação dos mesmos.

Para evidenciar a autoria de Davi ao Salmo 150, existem alguns que utilizam o salmo 151 da (LXX). Estes se apoiam na ausência da terminação "Fiat, fiat" (Assim seja, assim seja) da quinta e ultima seção, quando ela aparece nas outras quatro seções. "Se esta expressão marca o fim de cada

livro, porque o quinto livro", onde se encontra o salmo 150, "não termina com o mesmo final?" (AGOSTINHO, 1998, p. 1167). Com isto sugerem que a ultima seção não termina com o 150º mas com 151º existente na septuaginta (LXX) em sequência do 150, como um poema que descreve o combate entre Golias e Davi. Se este argumento for sustentável, não somente poderíamos resolver o impasse da autoria como também indicaria um tempo mais preciso de sua escrita – o período do conflito com Golias (LASOR, 2009, p. 467). Embora este salmo seja, por muitos, considerado apócrifo, não deixa de ser uma evidência a ser discutida, pesquisada e meticulosamente avaliada. Se fosse possível evidenciar que poderia ser a finalização da quinta seção dos Salmos, poderíamos, com reservas, creditar a autoria do Salmo 150 a Davi.[8]

É claro que, descobrir o autor facilitaria grandemente nossa ânsia em definir, senão uma data precisa, mas pelo menos um período aproximado de sua escrita. Numa discussão a este respeito, alguém, certa feita indagou: "Se descobríssemos o autor, facilmente identificaríamos o período em que este Salmo fora escrito".

Na teologia contemporânea, porém, são poucos os que acreditam na autoria de Davi a este salmo. Como visto, a carência de evidências torna esta discussão muito ampla, porém sem resultados lógicos. Todavia, para os que acreditam no dom profético na pessoa de Ellen White, este problema pode ser resolvido. White citando Salmo 147: 11 e 12 outorga a autoria dos Salmos 147; 148; 149 e 150 a Davi, dizendo: "Quão preciosas são as lições deste Salmo! Bem faríamos em estudar os quatro últimos salmos de Davi." (WHITE, 1996, p. 371).

Como visto, mediante esta última análise, temos uma provável evidência da autoria pertencendo a Davi. Portanto, esta confirmação reforça a credibilidade do que aprendemos até o momento, pois, o autor deste Salmo (Davi) morreu onze anos antes da inauguração do templo, que foi também a inauguração do novo sistema de adoração musical proposto por Deus[9]. Assim, novamente, podemos afirmar que o Salmo 150 não deve ter sido escrito depois da inauguração do Santuário, mas antes, especialmente nos períodos que antecedem as exigências de Deus relatadas em II Crônicas 29:25 e 26.

Embora Davi houvesse morrido antes da inauguração do templo, ele já havia deixado tudo preparado para a inauguração da nova liturgia, inclusive os instrumentos que seriam utilizados. Portanto, todos os pontos da reforma na adoração já estavam definidos antes de sua morte.

O Contexto Literário e Poético do Salmo 150

Mesmo que quiséssemos adaptar o Salmo 150 para o período de Salomão com o objetivo de tê-lo como apoio para substanciar a ideia de inserir o uso das danças (mahol) e tambores (top) dentro da igreja, ainda assim teríamos alguns desarranjos exegéticos. Poderíamos destacar pelo menos duas implicações:

[8] O Salmo 151 registrado na Septuaginta é apenas aceito como fonte histórica apócrifa.
[9] Rever Gráfico, p. 1

Primeira Implicação

O salmo é uma obra poética e não histórico ou documental e, portanto pode utilizar de linguagem figurativa, pois, como seria capaz, para nós seres humanos, louvar a Deus no firmamento?[10] (v.1). Dr. Samuel Schultz observa que os salmos "expressam a experiência comum da raça humana", e significativamente sua figura de linguagem, em forma poética, "mostra-nos como nosso relacionamento com "YAHWEH" pode ser íntimo e livre, quando compartilhamos cada pensamento e cada sentimento com Ele." (RICHARDS, 2004, p. 375). "Desde o alto de seu santuário celestial, até o firmamento ("a expansão da/que mostra a sua força"), e até seus poderosos feitos (poder dominador) vistos na terra, o Senhor mostra muita grandeza, grandeza que excede a de qualquer pretendente" (MOTYER apud CARSON, 2009, p. 881). Em especial a este salmo, "o motivo do louvor é a grandeza e as manifestações de seu poder" (SCHOKEL, 1996-1998, p. 1668), e implicitamente o autor, diante da convicção tão categórica, usa todo artifício que lhe vem a mente para dar glórias e honras ao Criador e convida toda a humanidade a louvar na linguagem mais comum da música (SCHOKEL, 1996-1998, p. 1669).

"Louvai a Deus no Seu santuário" – Talvez a maior implicação em discussão hoje seja quanto a natureza de inserir as danças e os tambores na igreja, uma vez que o salmo sugere tal procedimento. Todavia, embora a maioria das traduções rezem "louvai a Deus no Seu santuário", o texto em hebraico assim descreve:

הַלְלוּ יָהּ הַלְלוּ־אֵל בְּקָדְשׁוֹ

"Hal^{e}luyah hal^{e}lu-el b^{e}qad^{e}sho"

Segundo a The Prayer Book Version, 1662, esta sentença deve ser traduzida como "louvai a Deus na Sua Santidade" (KIDNER, 2011, p. 495). Analisando o sentido exato no hebraico, percebemos que esta interpretação é de fato mais viável, pois "qõdesh" apropriadamente significa consagração, santidade ou qualidade de sagrado. A palavra normalmente usada no hebraico para santuário, lugar santo, capela, parte sagrada ou templo é "miqdãsh" (HOLLADAY, 2010, p. 299, 446-447). No entanto, embora não muito coerente com o real significado de "qõdesh", assim como em outras traduções, a Almeida Revista Corrigida e Atualizada justificam que, "firmamento de Seu poder" sugere "santidade" em sentido secundário (KIDNER, 2011, p. 495), por isto traduzem como "santuário".

É claro que, não podemos esquecer que o paralelismo da poesia hebraica nos permite interpretar "santuário" como sendo a habitação de Deus no céu, por paralelismo com "firmamento". O sentido do original hebraico "qõdesh" também autoriza esta interpretação.

[10] Como fonte histórica para substanciar o testemunho escriturístico da mudança cúltica na liturgia de Israel, os salmos, neste caso, estão em desvantagem aos demais livros do A.T. Os livros, especialmente de Crônicas, possuem maior peso histórico.

Segunda Implicação

O capítulo expressa apenas uma questão de louvor circunstancial de gratidão constante a Deus por todos os Seus feitos. O propósito primordial é Deus por todos os seus feitos. Um crescimento apoteótico de louvor universal, sem barreiras (UNGER, 2006, p. 233).

Com base nesta premissa,

> [...] não devemos poupar custos nem esforços. Louvemos a Deus com uma fé firme, com santo amor e deleite; louvemo-lo com inteira confiança no Senhor Jesus Cristo, com fé por seu triunfo sobre as potestades das trevas; louvemo-lo pelo respeito universal a todos os seus mandamentos, pela submissão jubilosa a todas as suas disposições; louvemo-lo por fomentar os interesses do reino de sua graça, pela esperança e expectativa viva do reino de sua glória, e por termos em vista que muito em breve devemos exalar o nosso último suspiro neste mundo. Enquanto ainda respiramos, louvemos ao Senhor; então exalaremos o nosso último suspiro com consolo em nossa alma (HENRY, 2008, p. 217).

Os versos dizem:

(v.1) Louvai ao Senhor! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento, obra do seu poder!

(v.2) Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência da sua grandeza!

(v.3) Louvai-o ao som de trombeta; louvai-o com saltério e com harpa!

(v4) Louvai-o com adufe e com danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flauta!

(v.5) Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos altissonantes!

(v.6) Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor!

Observe que, mesmo que traduzíssemos "qõdesh" "santidade", como "santuário" ainda faltaria coerência exegética. O verso quatro não poderia ser uma explícita ordem para louvar a Deus com danças e tambores dentro do Santuário, pois se assim fosse, teríamos que admitir, mediante o verso seis, que até os animais poderiam, assim como nós, adorar a Deus dentro da igreja, pois o verso complementa "Tudo que tem fôlego", o que tornaria o conselho bem estranho e próximo do ridículo.

Como visto, o capítulo em si é apenas um apelo e apresentação de que Deus é merecedor de todo o nosso louvor em todo lugar, circunstância e momento. Louvem ao Senhor no firmamento, na igreja, na escola, no trabalho, no campo, nas viagens, caminhando pela rua, em fim, em tudo louve ao Senhor, pois Ele é merecedor e digno. É claro que, não se trata de adorar através de louvor a Deus minuto a minuto do ciclo de vinte e quatro horas por dia, adorar e louvar a Deus possui valores mais significativos nos aspectos que envolvem nosso comportamento do que propriamente cantar por todo o momento. O canto e louvor musical deve ser uma resposta de todo o nosso ser que se reflete em todo o momento da vida. Nossa vida de gratidão, nossa conduta, linguajar, nossa resposta diante das dificuldades e injustiças e nossa devoção a Deus, constituem verdadeiras atitudes de adoração e louvor ao Senhor. Isto não deve ser visível apenas no santuário, mas em todo e qualquer ambiente.

POSSÍVEIS RAZÕES PARA EXCLUSÃO DOS TAMBORES DO TEMPLO

A exclusão do tambor da lista de instrumentos que Deus deu ao profeta Natan (II Cr 29:25,26), pode indicar não a demonização deste instrumento, mas a incapacidade de seu uso com sabedoria, prudência e habilidade específica para uma música e circunstância também específica. Não digo que Deus tenha proibido esse ou aquele instrumento, mas que houve uma clara orientação de um grupo de instrumentos e um ministério musical especial para o templo buscando diferenciar a música religiosa da música comum extra religiosa ou mundana, disso não há dúvidas.

É provável que, toda instrução que o povo de Israel recebera de Deus a respeito da música, louvor e instrumentação tenham como objetivo diferenciar a adoração musical no santuário das adorações musicais praticadas nas religiões fetichistas, pagãs e mundanas. Se este não era um dos objetivos, então, porque Deus deixou de fora de sua lista os tambores quando naquela época era um dos instrumentos mais culturalmente usado pelo povo? Por que Deus não permitiu que o músico Davi escolhesse os instrumentos que seriam usados no Templo? Por que Deus mesmo teve que intervir, dar orientações e fazer exigências no tocante à preparação da música, os que fariam parte dela e os instrumentos que seriam usados?

Deve ser notado que antes da compilação da lista de instrumentos autorizados para o templo, os tambores não foram usados na segunda tentativa de transporte da arca, a qual foi bem sucedida, pois foi feita, em todos os aspectos, de acordo com a vontade de Deus. Portanto, podemos afirmar que a lista do templo foi apenas a explicitação de algo que já era sabido acerca da vontade de Deus para a adoração solene (DORNELES, 2008).

A respeito da ausência das flautas, Bacchiocchi assinala que este instrumento, assim como os demais, não puderam ser usado no Templo, por causa de sua associação com diversões seculares e mundanas (BACCHIOCCHI, 2000). Inclusive, para Bacchiocchi,

> A música era rigidamente controlada na adoração do Templo para assegurar que estaria em harmonia com a santidade do lugar. Assim como o sábado é um Dia Santo, da mesma forma o Templo era um Lugar Santo onde Deus manifestava a Sua presença "entre o povo de Israel" (Êxodo 25:8; cf. 29:45). O respeito para com o Dia Santo de Deus e o Lugar Santo de adoração, exigia que nenhuma música ou instrumentos associados com a vida secular fossem usados no Templo (BACCHIOCCHI, 2000, p. 179).

Embora não tenhamos claras condições de saber as razões pelas quais Deus não permitiu a entrada dos tambores no templo, devemos tenazmente admitir que, por ordem implícita de Deus, eles não entraram.

Pastor Dorneles sugere que

> a exclusão do tambor no Templo pode indicar que Deus não quis o instrumento na música de adoração por causa de sua relação direta com o misticismo e por sua influência no sentido de excitar as danças e embotar a consciência e o juízo. O ritmo do tambor que inclinava as pessoas à dança deveria estar fora do culto que requer a lucidez da mente para a compreensão da vontade de Deus. Além disso, uma vez que o templo era uma representação do trono de Deus, a música a ser usada ali deveria distinguir-se daquela usada nas celebrações profanas (DORNELES, 2003, p. 193).

Doutor Bacchiocchi a este respeito também afirma que

> o estudo da música e da liturgia do Templo de Jerusalém, bem como do Santuário Celestial, foi muito instrutivo. 'Vimos que, por respeito pela presença de Deus, instrumentos de percussão e música de entretenimento que estimula as pessoas fisicamente, não eram permitidos nos serviços do Templo, nem são usados na liturgia do Santuário Celestial. Para a mesma razão, instrumentos rítmicos e música que estimula as pessoas fisicamente em vez de elevá-las espiritualmente, está fora de lugar na igreja hoje. A adoração nos dois Templos, terrestres e celestial, também nos ensina que Deus deve ser adorado com grande reverência e respeito. Música na igreja não pode tratar Deus com frivolidade e irreverência. Deveria ajudar aquietar nossas almas e a responder a Ele em reverência (BACCHIOCCHI, 2001, p. 22).

Eurydice Osterman, compositora e professora de música na Universidade de Oakwood em Huntsville, Alabama EUA, também escreveu que

> uma possível explicação para não usar bateria pode ser que, por sua natureza, não é um instrumento melódico. Em toda a Bíblia, há numerosas referências para cantar e fazer 'melodia' com a voz e com instrumentos. Como a bateria não é capaz de fazer 'melodia', as Sagradas Escrituras não a apresentam como sendo usada no Santuário (OSTERMAN, 2007, p. 80-90).

Doutor em música e pastor Wolfgang Stefani (apud DORNELES, 2008, p. 193), considera que, "o ritmo, produzido mais propriamente pelo tambor, é a característica mais eminente e essencial da música africana, já amplamente relacionada com as experiências de transe e possessão."

Hoje, alguns estudos, descobertas científicas sobre o comportamento do organismo diante do efeito da percussão e os trabalhos acadêmicos sobre tambores e bateria não favorecem seu uso para momentos em que é exigido a reflexão (OSTRMAN, 2007, P. 80-90). Mesmo em situações em que são usados para produzir hinos com significados de batalha espiritual e marcha, faz-se necessário possuir extrema habilidade e ponderação.

A este respeito, Hélio dos Santos Pothin, doutor em em Fisiologia Humana pela UFRGS e Professor de Fisiologia Humana na Universidade Federal de Santa Maria, RS destaca que:

> O córtex pré-frontal é responsável pelo raciocínio, pensamento, razão, consciência, vontade, capacidade de decisão, etc. Para realizar essas funções ele recebe impulsos nervosos de outras partes do sistema nervoso central.
>
> O tálamo é formado por várias divisões e está localizado abaixo do córtex, na região central do cérebro. Ele funciona recebendo as informações dos sentidos (visão, audição, gustação e tato) e enviando ou distribuindo as informações para outras regiões do cérebro, incluindo o córtex cerebral.
>
> O hipotálamo está situado abaixo do tálamo e é formado por vários núcleos nervosos; cada um influencia uma determinada parte do sistema nervoso. Apesar de pequeno, o hipotálamo tem funções importantes no comando das ações autonômicas como: fome, sede, regulação da temperatura corporal, sono, vigília, secreção gastrintestinal, pressão sanguínea, batimentos cardíacos, apetite sexual, ato sexual, etc.
>
> Para comandar ou influenciar tantas funções o hipotálamo envia suas mensagens através dos nervos e, também, através de hormônios pelo sangue. Ele envia hormônios para a glândula hipófise, a qual controla outras glândulas, inclusive as glândulas sexuais, através de hormônios, também.

> Portanto, estímulos nervosos enviados pelo ouvido, provocados pelo som, chegam até o tálamo e ele envia, também, estímulos nervosos para o centro das emoções, para o córtex pré-frontal e para o hipotálamo.
>
> Como a música Rock possui ritmos característicos os quais são transformados em estímulos nervosos numa frequência determinada, chegando ao tálamo este também envia estímulos numa frequência tal para o hipotálamo, córtex pré-frontal ou outro centro nervoso no cérebro. O hipotálamo entende essa frequência como uma ordem para influenciar as glândulas periféricas, através dos hormônios da hipófise, a fim de liberar seus hormônios, os quais irão aumentar ou diminuir as funções dos órgãos específicos. De acordo com o ritmo da música, serão enviados estímulos elétricos em frequências diferentes. Cada frequência alcança locais diferentes no cérebro e pode influenciar funções diferentes ou diferentes comportamentos.
>
> A música rock, portanto, têm poder de influenciar comportamentos como ira, violência, sexo e estimular a dependência do prazer. Assim, aumenta o desejo por drogas ou comportamentos que estimulem o prazer e, portanto, o vício.
>
> Um dos centros nervosos que recebem impulsos do hipotálamo, do ouvido, da medula espinhal e outros centros, é um núcleo denominado Locus Cerúleos. Esse núcleo comunica-se, através de seus neurônios, com algumas partes do cérebro, e entre elas está o córtex pré-frontal. Quando ocorre estimulação intensa do Locus Cerúleos, ele faz com que noradrenalina (neurotransmissor) seja liberada dos terminais dos neurônios que chegam ao córtex pré-frontal. A atuação de níveis altos de noradrenalina no córtex pré-frontal atua como uma forma de "anestesia" das funções dessa região. Por isso, as funções de tomar decisões corretas ficam prejudicadas, pois o córtex pré-frontal não consegue buscar informações armazenadas na memória em outras regiões. Assim, a razão, o domínio próprio, a consciência ficam afetados. Como a razão fica 'anestesiada', as emoções dominam as ações. Como os hormônios foram liberados em maior quantidade pela estimulação do hipotálamo, o desejo sexual (e qualquer outra função) fica fora do controle da razão (POTHIN, 2011).

Segundo Tore Sognefest (2011), mestre em música em Bergen, Noruega,

> Problemas ocorrem quando interferimos com os ciclos e ritmos do corpo. Este é um fato muito conhecido pela medicina. Quando o corpo é exposto a estímulos desarmônicos variados e contínuos, vários dos mecanismos de stress de nosso corpo são postos em estado de alerta. Se estes mecanismos de defesa são excessivamente tensionados, a harmonia natural dos ritmos biológicos é perturbada. Isto causa desarmonia e pode conduzir a um colapso. A menos que o equilíbrio seja restabelecido, a situação de tensão pode resultar em uma desordem patológica fundamental.

Inúmeros artigos acadêmicos e conclusões empíricas da atualidade demonstram claramente que o corpo como um todo pode ser afetado diretamente pela música. No que diz respeito às emoções deletérias e o comportamento imoral, a música, especialmente e excessivamente percussiva pode desempenhar um nobre papel para tal[11].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como comumente destacado, progressivamente Deus conduziu Israel à um reavivamento e reforma, inclusive no tocante a liturgia. O período que antecede e sucede a inauguração do novo Templo revela clarificadamente uma diferença radical de adoração. Percebemos que era comum o uso das danças e tambores antes da inauguração do Santuário de Salomão. No entanto, após a intervenção de Deus, especialmente a descrita em II Crônicas 29:25 e 26, as danças e os tambores não são mais mencionados como fazendo parte de algum louvor cúltico.

[11] Ver http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/corpo_mente-index.htm.

Esta realidade, embora se pareça como inferentes, é necessário compreender que toda a Escritura é repleta de verdades referentes e inferentes, objetivas e subjetivas. "Toda a Escritura é inspirada por Deus." (2 Tm 3:16), afirmou Paulo. Portanto, isto significa que, até seus testemunhos subjetivos devem ser encarados como verdades reveladoras.

O povo de Israel havia sido corrompido também pela influência da música egípcia. Esta compreensão revela uma séria advertência ao Israel de Deus em pleno século vigente. Portanto, em meio ao deserto, quando os retirou daquela nação pagã, Deus desejava imprimir Suas leis e Seu caráter em Seu povo, pois assim escreveu o patriarca, "Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os Seus mandamentos" (Deuteronômio 8:2).

White traça um paralelo entre a experiência de Moisés na escola do deserto com a do povo de Israel (WHITE, 2011, p. 64). Interessante notar que, "Por quarenta anos a incredulidade, a murmuração e a rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do Israel moderno na Canaã celestial. Em nenhum dos casos houve falta da parte das promessas de Deus. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo de Deus que nos têm detido neste mundo de pecado e dor por tantos anos."[12] Independente de tambores ou danças, partindo para um conceito que excede questões exteriores, nossa vida precisa ser pautada por santidade e pureza interna. Nossa vida pertence a Deus e todos os nossos atos que são materializações do nosso interior devem ser como cheiro suave a Deus expressando verdadeiro louvor e adoração ao Senhor.

Observe que a sinceridade é aliada da ignorância ou da verdade. Deus somente aceita o erro quanto ele parte de um coração sincero que não conhece a verdade de Deus. Neste caso, podemos considerar sem nenhuma margem de erro que a oferta de Caim não pode ter sido sincera, e por esta razão é que foi recusada. A este respeito, servindo de lição para todos nós em pleno século XXI, White esclarece que Abel "estava determinado a adorar a Deus de acordo com a orientação dada por Ele. Isso desagradava Caim. Ele achava que seus próprios planos eram os melhores, e que o Senhor chagaria a um acordo com ele."[13] Também esclarece que

> no caso de Caim e Abel, temos o modelo de duas classes que haverá no mundo até o fim do tempo, e esse tipo é digno de estudo aprofundado. Havia uma diferença marcante no caráter desses dois irmãos, e essa mesma diferença é vista hoje na família humana. Caim representa os que vivem pelos princípios e pelas obras de Satanás, adorando Deus à sua própria maneira. À exemplo do líder que seguem, eles estão dispostos a prestar obediência parcial, mas sem submissão completa a Deus.[14]

Concluo com duas citações muito pertinentes e que não podem ser subestimadas. Observe e guarde-as no coração. Falando a respeito dos últimos dias, imediatamente antes do fechamento da porta graça, White diz que:

[12] Ellen G. White. Pode ser encontrado em Manuscrito 4, 1883.
[13] Ellen G. White. Pode ser encontrado em Manuscript Releases, v.14, p. 115,116.
[14] Ellen G. White. Pode ser encontrado em Signis of the Times, 23 de dezembro de 1886.

> Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo (WHITE, 2012, p. 31-39).

Também escreveu que:

> Tudo parecia preparado para o trabalho de satanás. Ele convenceu muitos a porem de lado a razão e o discernimento e serem governados por impressões. O Senhor requer que Seu povo empregue a razão, e não a ponha de lado por impressões. Sua obra será compreensível a todos os Seus filhos. Seus ensinos serão de molde a se recomendarem ao entendimento das pessoas estudiosas. São designados a elevar a mente...Foram-me mostrados grupos em confusão, movidos por espírito equivocado, todos fazendo ruidosas orações, alguns clamando de um jeito, outros de outro; e era impossível dizer o que era som de flauta ou de harpa. "Deus não é Deus de confusão, senão de paz" (ICo 14:33). Satanás penetrou neles e controlou as coisas como bem quis. A razão e a saúde foram sacrificadas no altar desse engano. Deus não quer que seu povo imite os profetas de Baal, afligindo o corpo, gritando e clamando, em desvairadas atitudes e sem nenhuma consideração para com a ordem, até se lhes esgotarem as forças. Religião não consiste em ruidosas manifestações; contudo, quando o coração está cheio do Espírito do Senhor, glorifica a Deus com suave e sincero louvor (WHITE, 2004, p. 230, 231).

Portanto, é necessário profunda reflexão e perguntar a Deus o que Ele deseja que façamos. Muitas das vezes a revelação contraria nossos próprios gostos, mas, como no exemplo de Abel, devemos fazer valer nossa lealdade a Deus a qualquer custo. Imagine o que teria sido de Moisés caso ele tivesse se recusado tirar as sandálias dos pés? O que teria acontecido com o povo de Israel caso eles tivessem recusado passar o sangue nos umbrais? O que teria ocorrido com o tabernáculo caso o povo quisesse ignorar o modelo que lhes fora mostrado construindo algo que seguisse os parâmetros de estética humano? Pense nisso!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Comentário aos salmos**: salmos 101-150. São Paulo: Paulus, 1998.

BACCHIOCCHI, Samuele. **Música, teologia do louvor e adoração a Deus.** Material Produzido editado pela União Este Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.

_____. **O cristão e a música rock**. Berrien SpringsMichigan 49103, USA, 2000.

BASTOS, Abguar. **Os cultos mágico-religiosos no brasil**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BÍBLIA de estudo indutivo. Ferreira Almeida et al. 1.ed. corr. e rev. São Paulo: Vida, 1997.

BRUCE, E. F. (Ed.). **Comentário bíblico NVI**: antigo e novo testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O antigo testamento interpretado**: versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E agora como viveremos?**. Tradução de Benjamim de Souza. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COMENTARIO biblico Adventista del septimo dia: la santa biblia con material exegetico y expositorio. Francis D Nichol, Victor E. Ampuero Matta, Nancy W. de Vyhmeister. California: Pacific Press, 1981.

COMENTÁRIO bíblico: Vida Nova. D. A. Carson et al; Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2009.

DORNELES, Vanderlei. **Cristãos em busca do êxtase**: para compreender a nova liturgia e o papel da música na adoração contemporânea. 5.ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2008.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

_____. **Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HARRISON, Everett Falconer; PFERFFER, Charles F (Ed.). **Comentario biblico Moody**. Tradução de Yolanda M Krievin. 2.ed. São Paulo: Impr. Batista Regular, 1990.

HENRY, Matthew. **Matthew Henry**: velho testamento. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2008.

HOLLADAY, William L.; OLIVEIRA, Daniel de. **Lexico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KATAPI, Papiro p52. Disponível em <http://www.katapi.org.uk/BibleMSS/P52.htm> Acesso em: 10 fev. 2011.

KIDNER, Derek. **Salmos 73-150**: introdução e comentário aos livros III e V dos Salmos. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao antigo testamento**. Tradução de Lucy Hiromi Kono Yamakami. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.

MANUAL biblico: vida nova. Lucy Hiromi Kono Yamakami, David S Dockery. São Paulo: Vida Nova, 2001.

OSTERMAN, Eurydice V. **O que Deus diz sobre a música**. Tradução de Gerson Pires de Araujo. 6.ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007.

PAULISTANA. Disponível em: <http://www.paulistana.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=756:os-jovens-de-cara-nova&catid=75:clube-de-jovens&Itemid=296> Acesso em: 12 jul. 2011.

POTHIN, Hélio. **O poder da Música sobre o cérebro**. Disponível em: <http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/corpo_mente/poder_musica_cerebro.htm>. Acesso em 11 jul. 2011.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse. Tradução de Valdemar Kroker, Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004

ROUGET, Gilbert. Music and trance: **A theory of the relations between musica and possession**. University of Chicago Press, 1985.

SCHOKEL, Luis Afonso; CARNITI, Cecilia. **Salmos**: traducao, introducao e comentario. Tradução de Joao Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996-1998.

SOGNEFEST, Tore. **Os efeitos da música rock.** Disponível em: <http://www.musicaeadoracao.com.br/livros/rock/rock08.htm >. Acesso em: 11 jul. 2011.

SPARTA, Francisco. **A dança dos orixás**. São Paulo: Herder, 1970.

THE Christian & rock music: a study on biblical principles of music. Samuele Bacchiocchi et al. Berrien Spring: Biblical Perspectives, 2000.

THEISS, Gilberto G. **Música e o grande conflito**: a música e a percussão à luz da Bíblia. Niterói, RJ: 2009.

UNGER, Merrill F. **Manual bíblico Unger**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira, Lucy Hiromi Kono Yamakami; Revisão de Gary N. Larson. São Paulo: Vida Nova, 2006.

WHITE, Ellen Gould. **Educação**. 7.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **Fundamentos da educação cristã**. Tradução de Naor G Conrado. 2.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

_____. **Manuscript releases**: from the bfiles letters and manuscripts written. USA: Silver Spring, 1993. 14 v.

_____. **Mensagens escolhidas**. Tradução de Isolina A Waldvogel, Luiz Waldvogel. 4. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010. 2 v.

_____. **O grande conflito**. 43.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **Testemunhos para a igreja**. Tradução de Cesar Luis Pagani. 2.ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004. 1 v.

_____. **Patriarcas e profetas**. São Paulo: Pacific Press, 1995.

_____. **Educação**. 9. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.